

## BOEMIA E POLÍTICA NO FINAL DOS ANOS 40 NO BAIRRO DA RIBEIRA (NATAL –RN)

**Viltany Oliveira Freitas<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

viltany@hotmail.com

**Raimundo Pereira Alencar Arrais<sup>2</sup>**

raimundoarrais@ig.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O presente trabalho corresponde aos primeiros resultados da pesquisa que iniciamos sobre a boemia na capital potiguar nos anos 1940, 1950 e 1960. Fizemos uso das reportagens sobre a Esquina da Av. Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata, do jornalista Djalma Maranhão e publicadas no jornal Diário de Natal em 1949. A proposta desse artigo é mostrar a relação que existia entre boemia e política, em um espaço que corresponde à esquina da Av. Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata, ponto de encontro de personagens, mostrando os embates políticos dentro da classe política do estado. Neste texto é feito um mapeamento dos bares, cafés e botequins.

A Ribeira era o bairro muito importante, onde se encontravam livrarias, lojas, outras casas comerciais, bancos e as sedes dos dois mais importantes jornais do período: *A República*, na esquina da Rua Frei Miguelinho com a Av. Tavares de Lira, e o *Diário de Natal*, na Tavares de Lira. O Porto de Natal, situado no limite entre a Ribeira e o bairro das Rocas, era de grande importância, uma vez que o transporte marítimo era responsável pela exportação dos produtos e pelo deslocamento de passageiros. Os melhores hotéis eram encontrados na Ribeira. Nesse bairro, localizavam-se os prédios mais importantes da cidade como teatro Carlos Gomes (atual Alberto Maranhão) e o Grande Hotel, além de cinemas e sorveterias. No final da década de 1940, as principais atividades econômicas do Rio Grande do Norte eram a agricultura, com destaque para a produção do algodão e a fruticultura, o extrativismo, com a produção de scheelita, de sal e de cera de carnaúba, e a pecuária. A situação econômica do Rio Grande do Norte refletia-se no bairro da Ribeira, onde corretores de algodão fecharam negócios, tomando

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em História e espaço – UFRN; bolsista Capes.

<sup>2</sup> Professor Dr. Orientador – Programa Pós-graduação em História e Espaço.

um cafezinho no Café Globo e em outros estabelecimentos da esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata.

Antes de discorrer sobre a charmosa esquina nos fins dos anos 40, é necessário tecer algumas considerações sobre o autor desses textos jornalísticos. Djalma Maranhão, em 1949, já era experiente na profissão de jornalista. Ele redigia seus textos num linguajar simples, quase coloquial, usando certa dose de humor quando contava histórias envolvendo personalidades importantes da cidade, como políticos, comerciantes, intelectuais, tipos e frequentadores da esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata. Em uma dessas situações, o jornalista envolveu o dono do Café Globo e o deputado Manuel Varela, que era líder do PSD na Assembleia Estadual do Rio Grande do Norte:

Certo dia, pela manhã, assisti uma cena gozada. Um freguês pediu um copo de leite e pilheriou, dizendo que botasse pouca água. Numa mesa vizinha estavam diversas personalidades graúdas, inclusive o deputado Manuel Varela, líder do PSD na Assembléia Estadual, espécie de oráculo do governo, o mais autorizado porta voz do situacionismo, que meteu a sua colher torta na conversa. Luís de Barros saiu da registradora e patético no meio do salão, voltado para o deputado, gaguejando de entusiasmo e neurastenia, quase fez um discurso, dizendo que batizava o leite com água, porque certa ocasião ao reclamar com um dos seus fornecedores, o mesmo lhe dissera que “batizava” o leite porque podia e ninguém dava jeito, porque era cabo eleitoral do PDS. O deputado procurava mudar de conversa mas o velhote insistia e a platéia gozava a situação embaraçosa, verdadeira *camisa de onze varas* em que se metera o Dr. Manuel Varela...<sup>1</sup>

Os textos de Djalma Maranhão apresentam uma riqueza de detalhes que nos permitem levantar hipóteses sobre a sociabilidade da Ribeira no final da década de 1940 e dos propósitos do jornalista ao escrever suas crônicas, marcadas por certo grau de crítica e de possível intencionalidade política. Seus textos, caracterizados por uma linguagem simples e coloquial, eram lidos pela classe pobre alfabetizada e a classe média de Natal.

Djalma Maranhão participou da Intentona Comunista de 1935 e esteve ligado ao partido comunista até 1946, quando uma crise interna atingiu o PCB do Rio Grande do Norte. Segundo Lima (2010), nessa ocasião, Djalma Maranhão acusou Miguel Moreira, José Costa e João Anastácio de Queirós, de utilização indevida do patrimônio e de se apropriarem dos recursos do partido, apelando a Luís Carlos Prestes para analisar as acusações e promover uma investigação. Mas o fato resultou na sua expulsão do

partido. Até 1950, ele ficou sem filiação política, quando recebeu o convite de Café Filho para integrar o PSP. Assim, no ano de 1949, Djalma não participava de nenhum partido político, mas estava atento aos acontecimentos da cidade, tornando-se um observador da esquina da Av. Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata. Sua atuação como jornalista foi intensa. Exerceu a função de repórter e revisor do jornal *A República* entre 1937 e 1939. Neste último ano, foi fundador do jornal *Diário*, criado com o objetivo de divulgar as notícias da Segunda Guerra Mundial, juntamente com Aderbal de França, Waldemar de Araújo, Rui Paiva, Rivaldo Pinheiro e Romualdo Carvalho. Esse jornal, em 1947, passou a ser chamado de *Diário de Natal*<sup>2</sup>. O *Diário* era um jornal de oposição ao governo do estado, que tinha políticos do PSD à frente da administração do estado. Na década de 1940, Djalma Maranhão foi presidente da Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa.

A esquina da Av. Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata consistiu em um lugar de encontros políticos, fechamento de negócios, conversas informais, bate-papos com os amigos e de encontros boêmios. Lugar, portanto, de sociabilidade em plena Ribeira de fins dos anos 40. Um observador atento como Djalma maranhão, testemunharia a passagem de diversos tipos da cidade do Natal: banqueiros, comerciantes, industriais, artistas, intelectuais, políticos, populares, atletas, cachaceiros e boêmios, além de coronéis e fazendeiros de outras localidades do estado do Rio Grande do Norte em visita a capital. Os cafés eram os lugares de reuniões políticas.

A Avenida Tavares de Lira, desde as primeiras décadas do século XX, assumiu uma importância enorme na sociabilidade natalense devido à sua localização geográfica e à frequência da população que transitava na avenida. Era palco dos grandes acontecimentos como os desfiles dos blocos carnavalescos e os desfiles militares e das reuniões das elites que se encontravam para discutir diversos assuntos. Os bares e os cafés eram cenários para discussões calorosas, envolvendo partidos políticos do estado, como ocorria no Café, Bar e Bilhar Cova da Onça, que funcionou durante os anos de 1930 até o início dos anos de 1940 na Avenida Tavares de Lira. Esse estabelecimento comercial foi fundado por Anaximandro de Souza e depois passou a pertencer a Leonel Leite. Esse espaço era centro de reunião política do Partido Popular, nos anos 30. Segundo Lauro Pinto (1971), esse café foi palco de conflitos sangrentos como o ocorrido no dia 29 de outubro de 1935, em decorrência do embarque do Dr. Mário

Câmara, que deixara a Interventoria do Estado. Assumiria o cargo Rafael Fernandes do Partido Popular, após decisão judicial, provocando a insatisfação de opositores. O conflito consistiu em tiros entre a Guarda Civil e pessoas que estavam no café.

Na obra *Carne e Pedra*, Richard Sennet (2008) conta a história de cidades como Atenas, Roma, Paris, Londres e Nova York por meio da experiência corporal, trabalhando o espaço urbano e o espaço do próprio corpo. O autor analisa o corpo e a cidade numa dimensão política, considerando os corpos individuais parte integrantes do corpo da cidade. Sennet utiliza o conceito de *corpos quentes*, quando trata da dinâmica da cidade de Atenas na época de Péricles. Segundo ele, quando os cidadãos liam ou falavam, tinham a temperatura do seu corpo elevada. Por isso eles tinham a natureza adequada ao debate e à argumentação. O espaço organizado da cidade, com sua ágora, era o espaço do cidadão. Na mesma forma, os cafés, bares e botequins como centros de decisões políticas e de debates importantes tornaram-se “espaços do cidadão”, onde os “corpos quentes natalenses” travavam importantes discussões políticas. Os espaços reservados à boemia foram lugares de importantes reuniões políticas, a exemplo do que acontecia no Café, Bar e Bilhar Cova da Onça. Assim, não podemos, no tocante ao espaço, dissociar as dimensões boemia e política. A esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata foi palco de embates políticos entre os principais partidos do Rio Grande do Norte (UDN, PSD e PSP), que tinham suas próprias zonas de influência na esquina. Segundo Maranhão, assim se apresentavam os partidos políticos na confluência da Tavares de Lira com a Dr. Barata:

Os partidos políticos têm as suas zonas de influência na esquina. Os udenistas formam seus grupos compactos na margem direita da Tavares de Lira, numa homenagem póstuma ao desaparecido Café Cova da Onça, que foi o tradicional reduto da “perrepada”... Os pessedistas preferem o lado contrário, aglomerando-se pela calçada da Casa Quatro e Quatrocentos e também nas imediações da livraria de João Mamão. Os fanáticos seguidores de Café Filho gostam mais da Dr. Barata...<sup>3</sup>

Ainda na Tavares de Lira, segundo Andrade (1989), no nº 48, encontrava-se o Bar Antártica de Oscar Rubens, freqüentado por grandes nomes da cidade. No primeiro andar do nº 54, instalou-se o clube Carneirinho de Ouro, freqüentado por pessoas

modestas como operários, carpinteiros, comerciários, funcionários públicos, mas também médicos, comerciantes e bacharéis. No seu início, o clube tinha um time de futebol, que disputavam partidas com times locais. As reuniões em sua sede eram frequentes, com a prática do jogo de gamão, dominó, sinuca, bilhar etc. No térreo desse prédio, funcionou o Café Pega Pinto, de Raimundo Galo, que passou o negócio a Roberto Freire. Este reformou as instalações, dando origem ao Café 56<sup>4</sup>. Em 1949, o Café Expresso 56 pertencia a Múcio Miranda, que possuía mais duas confeitarias, a Confeitaria Helvética, no Grande Ponto (Cidade Alta) e a Confeitaria Atheneu em Petrópolis. No Café Expresso 56, havia um reservado com uma entrada na Av. Tavares de Lira e outra no próprio café, que tinha a frente Inácio Antunes. Esse lugar era um ponto elegante, com poucas mesas e cadeiras, mas bem frequentado, onde muita gente bebia em pé.

Mas a esquina badalada também abarcava bares e botequins caracterizados pelos vícios e pela prostituição. Alguns dos botequins tinham salas improvisadas destinadas aos jogos, que nessa época já eram proibidos, outros eram prostíbulos, como o Wonder Bar, situado na Dr. Barata. Eram locais frequentados por boêmios. Nesses ambientes, o néctar consumido pelos homens da noite era a cerveja, a cachaça acompanhada de limão, caju ou outra fruta, gim, vermute e uísque. Sua bebida podia vir acompanhada de petiscos como posta de peixe, peru, carne seca com feijão verde, galinha a cabidela ou a tradicional galinha caipira. Os bares, cafés e botequins eram pontos comerciais simples, caracterizados por Djalma Maranhão como imundos, sórdidos, locais de luxúria, angústia, desespero, imoralidades e pornografias.

A rua Dr. Barata foi uma rua muito movimentada, devido a seu grande comércio, freqüentada pela elite que ia atrás de artigos da moda. Por lá passavam pessoas elegantes e figuras de todo o mundo político. No n° 165, ficava o Café Globo do Sr. Luís de Barros. Esse estabelecimento caracterizou-se pelo fato de não comercializar bebidas alcoólicas e não servir nada gelado. A especialidade era o café pequeno<sup>5</sup>. O lugar era frequentado por políticos, negociantes e jornalistas. Nas mesas do Café Globo, muitos acordos políticos foram feitos, traçando os destinos do Rio Grande do Norte. Muitas negociações no ramo do algodão, do açúcar, da mineração e da pecuária foram acertadas no café do Sr. Luís de Barros.

Os bares, cafés e botequins da esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata constituiu um espaço que recebia pessoas de diversas condições sociais, atendendo a objetivos distintos. Uns iam atrás de fechar negócios, outros de discutir política, contar e escutar anedotas, muitos procuravam saber das últimas notícias e todos iam atrás de conversas, com o objetivo de obter informações. Segundo Djalma Maranhão na edição do dia 3 de abril:

Quem quiser saber das novidades, informar-se dos acontecimentos políticos, ficar a par dos namoros do último baile, dos ricos que ficaram pobres e dos pobres que estão ficando ricos, das negociatas, das trapças, das brigas e das encrências, ou simplesmente *desopilar o fígado* com as histórias gaiatas, ou saber dos resultados dos jogos de futebol, compareça à esquina tradicional, que é a verdadeira fonte irradiadora de informações.<sup>6</sup>

Nesse período, circulava em Natal os jornais *A República*, órgão oficial de estado, o *Diário de Natal*, *A Ordem*, da Igreja católica, um jornal anticomunista que circulou até 1952, e o *Jornal de Natal*, de Café Filho, que circulava três ou quatro vezes por semana entre 1947 e 1958. As notícias estampadas nos jornais parecem ter estimulado discussões, bate-papo e a busca por notícias frescas, antes mesmo de serem publicadas nos periódicos.

As notícias e as conversas motivavam os boêmios a procurarem os bares e botequins da Ribeira. A boêmia é um estilo de vida que se caracteriza pelo gosto de beber, pelas conversas em bares e pela vida noturna. Segundo Freitas (2010), a boemia caracteriza-se pelo saudosismo, pelo gosto pela música, pelo violão, pela seresta, pela poesia e pela alegria. Nos bares, além de política e de negócios, falava-se de ocorrências policiais, futebol, casos passionais, fofocas do dia a dia, farras e mulheres formosas. No final da década de 1940, funcionava a Confeitaria Delícia, que fora fundada em 1942, pelo chileno Jacob Lamas e seu cunhado italiano, Amadeu Grandi. Esse estabelecimento passou para as mãos do português Olívio Domingues da Silva em 1948. O bar encontrava-se na Praça Augusto Severo, nº 81. Era um reduto boêmio, ponto de alegria, música, violão, seresteiro, sanfoneiros e poesia. O violonista Lobishomem da Redinha frequentava o ambiente. Gostava de cantar um repertório na base do saudosismo, as canções de Vicente Celestino, Gastão Formanti e Augusto Calheiros.

Aparecia na famosa confeitaria Antônio Cabral de Brito, intérprete de boleros e o violonista Macrino<sup>7</sup>. Os bares e botequins da esquina da Av. Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata também eram diariamente frequentados pelos boêmios, que bebiam, realizavam seus negócios e faziam política. Segundo Maranhão (1949):

Simplício Cristino, corretor, vereador e boêmio dentro da trilogia agiganta-se o boêmio, eleito para a Câmara Municipal pelos bebedores de cerveja do Carneirinho de Ouro e do Eldorado, dois bares famosos, cujo eleitorado Simplício controla e em suas mesas realiza importantes transações.<sup>8</sup>

A intelectualidade natalense participava da boemia no século XX. Nas primeiras três décadas deste século, Jorge Fernandes participou da *Diocésia*, que funcionava no primeiro andar do Café Magestic, situado na atual Rua Ulisses Caldas. A *Diocésia* era um espaço onde aconteciam espetáculos teatrais e recitações de poemas.

A década de 1950 no Brasil foi marcada pela afirmação de um novo modernismo que se distingue daquele das primeiras décadas do século XX. Esse período é caracterizado pelo regime democrático, pelo pluripartidarismo e pela concepção de progresso aliada à tecnologia. Esse contexto propiciou novos pontos de encontro entre intelectuais, que se constituíram lugares de sociabilidade. Segundo Arruda (2001), os bares desse período, em São Paulo, eram espaços de vivência ampla, de estímulos aos sentidos e do cultivo do intelecto<sup>9</sup>. Do mesmo modo, em Natal, em meados do século XX, os intelectuais também vivenciavam os espaços da boemia e da política, que eram os bares e cafés da esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata. A democracia, o pluripartidarismo e a lenta modernização de Natal, efetuada após a Segunda Guerra Mundial, propiciaram as discussões políticas e partidárias entre a elite política e intelectual da capital potiguar. As crônicas de Djalma Maranhão de 1949 estão inseridas nesse contexto.

Djalma Maranhão afirma que Luís da Câmara Cascudo não frequentava a badalada esquina, preferindo gastar seu tempo nas suas atividades intelectuais. No entanto, o mais famoso intelectual do período era frequentador da Confeitaria Delícia como assinala José Alexandre Garcia em *Acontecimentos e tipos da Confeitaria Delícia*. A esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata recebia a visita de muitos intelectuais que conversavam sobre diversos assuntos envolvendo política e literatura.



## Considerações Finais

O jornalista Djalma Maranhão escrevia suas crônicas usando uma linguagem coloquial, intercalada com expressões populares, permitindo alargar o círculo de leitores potenciais. As estórias humoradas, com uma dose de crítica, envolvendo personalidades da política norte-rio-grandense, permitem a reflexão e a problematização de quais seriam as intenções de Djalma Maranhão ao escrever esses textos. A questão levantada será investigada e discutida em outra ocasião, em virtude da pesquisa estar andamento.

A boemia em Natal, nos fins dos anos 40, estava ligada à política. Os bares e os cafés da esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata eram extensão das sedes de partidos políticos, à medida que acordos políticos eram fechados nas mesas dessas casas comerciais e eram espaços onde ocorriam calorosos debates e discussões políticas. Esses locais de intensas relações sociais eram espaços públicos, a “ágora” dos cidadãos natalenses. Aos bares e cafés da famosa esquina se dirigiam inúmeros natalenses em busca das últimas novidades, constituindo um centro de informações para quem desejava saber das últimas notícias.

No horário comercial, apresentavam-se na tradicional esquina negociantes de algodão, políticos e seus partidários, intelectuais entre outros. Depois das vinte e uma horas, os boêmios ocupavam os botequins e bares da Ribeira em busca da festa, da bebida e das conversas com os amigos.

## Notas

<sup>1</sup> O Diário de Natal-Edição do dia 20 de março de 1949. In: *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*, p.25-26.

<sup>2</sup> Cláudio Galvão em MARANHÃO, Djalma. *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente irradiador da vida natalense*. **Diário de Natal**, Natal, 2004.

<sup>3</sup> O Diário de Natal-Edição do dia 3 de abril de 1949. In: *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*, p.43-44.

<sup>4</sup> Júlio César Andrade em *Comerciantes e Firms da Ribeira (1924-1989)*, 1989.



<sup>5</sup> O Diário de Natal-Edição do dia 20 de março de 1949. In: *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*, p.24.

<sup>6</sup> O Diário de Natal-Edição do dia 03 de abril de 1949. In: *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*, p.39.

<sup>7</sup> Trabalho, Malandragem e boemia. Artigo, onde a autora Viltany Oliveira Freitas faz um contraponto entre o trabalho, a malandragem e a boemia nos anos 30 e 40, p. 30.

<sup>8</sup> O Diário de Natal-Edição do dia 27 de março de 1949. In: *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*, p.29.

<sup>9</sup> Na obra *Metrópole e Cultura*, Maria Armanda do Nascimento Arruda trabalha as inquietações da cultura modernista em São Paulo em meados do século XX, recorrendo à linguagem e a sociologia da cultura.

## Bibliografia

ANDRADE, Júlio César de. **Comerciantes e Firmas da Ribeira (1924-1989)**. Natal: Fundação José Augusto, 1989.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. **Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX**. Bauru: EDUSC, 2001.

FERNANDES, Jorge. **Livro de Poemas**. Introdução e organização: Maria Lúcia de Amorim Garcia. 5 ed. Natal:EDUFRN, Natal, 2008.

FREITAS, Viltany Oliveira. Trabalho, Malandragem e Boemia. Natal: UnP, 2010. 37 p. Artigo (Especialização) – Program de Pós-Graduação em ensino Fundamental da Universidade Potiguar, Natal, 2010.

GARCIA, José Alexandre. **Acontecimentos e tipos da Confeitaria Delícia**. Natal: Clima, 1985.

LIMA, Jailma Maria de. Partidos, Candidatos e Eleitores: O Rio Grande do Norte em Campanha Política (1945-1955). Niterói: UFF, 2010. 310 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

MARANHÃO, Djalma. Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense. **Diário de Natal**, Natal – 20 mar. 27 mar. 1949.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. A Cidade e a Guerra: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial. Recife:UFPE, 2008. 242 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PINTO, Lauro. **Natal que eu vi**. Natal: Imprensa Universitária, 1971.

SILVA, Marconi Gomes da; BEZERRA, Márcia Maria de Oliveira; AZEVEDO, Geraldo Gurgel de. **A economia norte-rio-grandense e a crise de 1929**. Natal: EDUFRN, 2009.